



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DANIELE LIMA MENEZES

**“SOLTA ESSA BONECA, ISSO É COISA DE MENINA!”, DIÁLOGOS
GENERIFICADOS EM SALA DE AULA NA CIDADE DE RIBEIRÓPOLIS/SE**

**ITABAIANA
2025**

DANIELE LIMA MENEZES

“Solta essa boneca, isso é coisa de menina!”, diálogos generificados em sala de aula na cidade de Ribeirópolis/SE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a):

Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

ITABAIANA
2025

DANIELE LIMA MENEZES

“Solta essa boneca, isso é coisa de menina!”, diálogos generificados em sala de aula na cidade de Ribeirópolis/SE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a):

Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

Aprovada em: 01 de abril de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fernanda Amorim Accorsi
Universidade Federal de Sergipe (orientadora - UFS)

Profa. Dra. Katia Cristina Noroes
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Paulo Sergio da Silva Santos
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

ITABAIANA
2025

“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar". (Josué, 1:9)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, por escutarem minhas preces, fortalecerem minha fé e me atenderem nos momentos de necessidade. Este trabalho é a concretização de um sonho que, com fé, esforço e apoio, se tornou realidade. Que minha jornada inspire a todos a jamais desistirem, pois os sonhos mais desafiadores são os que mais valem a pena conquistar.

Agradeço a minha querida orientadora Fernanda Amorim Accorsi, por nunca ter duvidado do meu potencial. Lembro-me do dia que a convidei pra ser minha orientadora e ela com tamanho entusiasmo falou: “Dani, você tem uma áurea muito boa ao seu redor, claro que aceito”, essa simples frase teve um valor sentimental muito importante pra mim diante de toda trajetória que já tinha percorrido e pela que ainda iria percorrer. Meus sinceros agradecimentos, Fê.

Agradeço ao meu esposo, Rone, por estar ao meu lado em todas as fases desta caminhada acadêmica. Rone, sempre esteve presente com palavras amigas, incentivos e todo o apoio necessário para a realização deste sonho. Sem seu apoio, sei que não teria sido fácil chegar até aqui, Obrigada Meu amor, amo você.

Aos meus pais, Marli e Givaldo, que, apesar de não terem tido a oportunidade de estudar, devido à necessidade de trabalhar para criar a mim e meus irmãos, nunca permitiram que eu fraquejasse nos estudos. Agradeço também à minha madrastra, Joelma, e ao meu padrasto, Jaílson, que sempre me apoiaram, financiando cursos, simulados, livros e tudo o que foi essencial para que eu pudesse chegar até este momento. Minha eterna gratidão.

Aos meus irmãos, Ana Sofia, Arthur, Daiane e Miguel, agradeço profundamente por sempre estarem ao meu lado com palavras de apoio e gestos de carinho, motivando-me a nunca desistir dos meus sonhos e da faculdade. Esse sonho é nosso, vocês são toda a minha base.

Quero também expressar minha gratidão aos meus amigos, em especial à Daniele Meneses, que me acompanhou toda a minha trajetória acadêmica, compartilhando comigo as angústias, os anseios e, principalmente, as alegrias da vida universitária. Agradeço também a Maria Eduarda, Stefani, Victoria Laiane, Erica, Vitoria Emanuela e Yasmin, por serem uma peça fundamental no meu processo de formação, sempre dispostas a ouvir minhas ideias, discussões, trabalhos e apreensões, além de me lembrarem constantemente o quanto sou capaz e suficiente.

Meus sinceros agradecimentos a Professa Katia Noroes e ao Professor Paulo Sergio vocês marcaram toda minha trajetória acadêmica, quero sempre lembrar dos seus ensinamentos ao decorrer de toda minha vida. Pra mim, vocês são mais que professores, são amigos que sempre me incentivaram com palavras a ser uma estudante melhor. Obrigada por tudo!!!!

Por fim, agradeço a todos os meus familiares, tios, primos, avós e avôs, que sempre torceram por mim e acreditaram no meu sucesso.

“Desconstruir o gênero é reconstruir a humanidade.” Bell Hooks

RESUMO

A pesquisa analisa as práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero em sala de aula e como os/as discentes respondem às referidas práticas, no ensino fundamental menor no Município de Ribeirópolis/Sergipe. A monografia tem como objetivo geral debater as práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero em sala de aula. Nesse viés, será realizada uma pesquisa de campo, com observação em sala de aula, a fim de evidenciar como estão ocorrendo os procedimentos pedagógicos que envolvem a temática pesquisada. Além do mais, é necessário compreender as prováveis relações das práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero impostos pela sociedade em sala de aula e assimilar como as definições contribuem na vida dos estudantes e nas relações sociais que serão desenvolvidas ao decorrer do tempo. Os resultados obtidos, ao decorrer da pesquisa em campo, mostram o quanto ainda é pertinente os padrões de gênero dentro da sala de aula do Município de Ribeirópolis. A monografia, dispõe como referencial teórico autores como João Paulo Balisnei (2022), Judith Butler (1990), Scott (2013), entre outros, os quais, detém de um repertório vasto de informações necessárias para os estudos de gênero. Portanto, é necessário que as crianças sejam livres para usufruir e gozar de todos os recursos presentes na sua infância, não denominando-os de menina/menino, mas sim de criança sem distinção de gênero.

Palavras-chave: Educação Infantil; Identidade de Gênero; Profissionais da Pedagogia.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

The research analyzes pedagogical practices on gender roles in the classroom and how students respond to said practices, in lower elementary education in the Municipality of Ribeirópolis/Sergipe. The monograph's general objective is to debate pedagogical practices on gender roles in the classroom. In this sense, field research will be carried out, with observation in the classroom, in order to highlight how the pedagogical procedures involving the researched topic are occurring. Furthermore, it is necessary to understand the likely relationships between pedagogical practices and gender roles imposed by society in the classroom and assimilate how definitions contribute to students' lives and the social relationships that will be developed over time. The results obtained during the field research show how relevant gender standards are still within the classroom in the Municipality of Ribeirópolis. The monograph uses authors such as João Paulo Baliscai (2022), Judith Butler (1990), Scott (2013), among others, as a theoretical reference, who have a vast repertoire of information necessary for gender studies. Therefore, it is necessary that children are free to enjoy and enjoy all the resources present in their childhood, not calling them a girl/boy, but a child without distinction of gender.

Keywords: Early Childhood Education; Gender Identity; Pedagogy Professionals.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas e Técnicas

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

SE – Sergipe

UFS - Universidade Federal de Sergipe

PEPECA - **P**esquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	OLHARES METODOLÓGICO	18
3	MENINOS E MENINAS NA ESCOLA ESTADUAL JOSUÉ PASSOS	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se debruça sobre a pesquisa das práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero em sala de aula e como os/as discentes responderam aos diálogos generificados, no ensino fundamental menor no Município de Ribeirópolis/Sergipe. O trabalho foi produzido junto ao grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA), onde são produzidas discussões e trabalhos que versem sobre as relações de gênero. É usual a prática do uso do “é de menina”, “é de menino” para diferenciação do que as crianças podem brincar, vestir, colorir ou até mesmo viver socialmente diante dos papéis de gênero que a sociedade impõe e a escola reforça. É importante ressaltar que “[p]raticamente desde o berço, meninos e meninas absorvem uma infinidade de mensagens que formam gradualmente suas imagens de si mesmos e suas expectativas em relação à vida” (Castañeda, 2002, p.35). Desse modo, desde a tenra idade, as crianças começam a engessar seus pensamentos, o que podem ou não fazer, vestir, usar ou brincar, mediante ao que a sociedade diz ser certo.

Além disso, debater as práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero em sala de aula e entender como essa definição atinge a vida dos alunos/as e as relações sociais que desenvolveram ao decorrer do tempo é refletir como as pedagogias criam comportamentos, pensamentos, modos de ser, estar e existir. Essas práticas pedagógicas podem reforçar mais os papéis de gênero impostos pela sociedade, orientados pela perspectiva patriarcal, capitalista, machista na construção da identidade de gênero e até mesmo no seu processo de socialização. Orientações essas, que disseminam preconceito, diferenças entre o masculino/ feminino e além do mais, instigam os indivíduos a viverem à mercê do que a sociedade impõe como correto para cada gênero existente, como, por exemplo, meninas usam rosa e meninos usam azul, somente meninas brincam de boneca e assim sucessivamente.

A nação brasileira ainda carrega consigo a cultura androcêntrica, a qual, reforça o ponto de vista masculino como visão central do mundo, valorizando cultura, história, natureza, sociedade deles, feitas para e por eles. No entanto, marginalizam culturalmente a feminilidade, valorando o que foi criado para mulheres como inferior e subalterno. Diante disso, “tais projetos ensinam as crianças que para serem reconhecidas como meninos ou meninas, precisam fazê-lo de maneiras específicas e não naturais, portanto, forjadas e performadas” (Baliscei, 2022, p. 19).

Nesse viés, as escolas ainda desenvolvem práticas pedagógicas que reforçam a cultura da desigualdade e dos estereótipos. Durante a postagem de um vídeo na rede social Instagram

do Instituto Alana, no dia 17 de junho de 2024, intitulado como Meninas falam em frente à câmera, realizado em uma sala de aula contendo alunas/os, que demonstrou o quanto os papéis de gêneros impostos pela sociedade reverberam nas crianças que estão começando a construir a sua identidade de gênero. Nessa circunstância, foi orientado por duas mulheres que os alunos/as que estavam presentes desenhassem pessoas de diferentes profissões. Nessa conjuntura, a mediadora da atividade foi citando as profissões sem se referir o gênero masculino ou feminino, por exemplo: desenhe agora, uma pessoa que apaga incêndio, pessoa que faz cirurgia, alguém que pilota avião, não definindo o gênero. Com isso, os/as alunos/as foram desenhando em folhas de papel A4 as pessoas que representavam essas profissões. Desse modo, 61 dos desenhos criados eram homens do gênero masculino e apenas cinco eram mulheres do gênero feminino, ou seja, maioria dos alunos/as ali presentes entendem que algumas profissões são apenas de meninos e outras compreendem que apenas podem ser de meninas, o que reforça as afirmações feitas nos parágrafos anteriores de que as crianças incorporam os saberes sobre gênero impostos socialmente (Instituto Alana, 2024).

A divisão dos papéis de gênero está presente dentro da sala de aula, pois, a família, unida à escola, define os brinquedos, cores, roupas e qualquer outro dispositivo que conduza e condicione os papéis de gênero que meninas e meninos devem seguir. A escola, portanto, não é uma ilha. Vale salientar, que os papéis de gênero têm importância e contribuições para formação social e identitária da criança. Tendo como papel principal as relações sociais, pois o convívio social é estabelecido conforme e a partir das relações de gênero. Nesse sentido, os estereótipos reforçados em sala de aula expressam uma realidade que não deveria existir, no âmbito escola, pois pode acometer nas oportunidades educacionais dos/as estudantes, desse modo, a escola deve preparar os/as estudantes para o mundo além da escola, o qual, existe uma enorme diversidade de gênero.

Nessa conjuntura, esta pesquisa realizou, em sala de aula, uma observação das aulas/práticas que estão sendo exercidas pela professora regente, de modo, que possa ser identificado, os papéis de gênero reforçados (ou até inventados), em sala de aula. Além disso, a observação direciona olhares críticos às práticas de generificadas na sala pesquisada. Nesse viés, é necessário verificar se os papéis de gênero estão sendo formados e reforçados através nas escolas. Esse tema justifica-se pela observação dos/as estudantes na Escola Estadual Josué Passos, o qual, realizei¹ um estágio, como auxiliar de sala durante três meses, no ano de 2022 em uma turma de 3º ano do ensino fundamental menor. Nessa perspectiva, tive contato direto com os alunos/as e professoras/as regentes, desse modo, ocorria dos/as alunos/as, desejarem

brincar com determinado brinquedo e ser repreendidas por ser de “menina” ou de “menino” inclusive quando os atos divergem do que a sociedade impõe, as crianças eram impossibilitadas de brincarem com determinado objeto. Desse modo, são necessárias as relações das práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero impostos pela sociedade em sala de aula que podem indicar definições de vida dos/as alunos/as e das relações sociais que constituem a escola como lugar vivo de formação identitária de crianças e jovens.

A relação do tema com o contexto social trata-se da contribuição teórica dos autores/as vinculados/as ao cotidiano dos alunos/as. Logo, cabe entender se as implicações das práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero são machistas, o que pode acarretar na ausência de diálogos com a família e perante o meio social. Uma vez que é fundamental entender como está ocorrendo essa associação das práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero com o ensino aprendizagem dos/as discentes, de modo que possa ser estudado se está ocorrendo algum fator que leve os estudantes a desenvolverem comportamento preconceituosos a partir dessas práticas.

Portanto, identificar as temáticas de gêneros aos alunos/as é de suma importância, pois através dela buscarão a conscientização deles/as para que reconheçam os diversos papéis de gênero que a sociedade impõe. A partir do exposto, compreende-se a importância desse estudo para discutir uma problemática social, já que a temática só tem notoriedade quando ocorre algum incidente que vira repercussão nacional, o que pode refletir nas suas práticas no meio social. Ademais, reconhecendo que é fundamental adicionar práticas pedagógicas que englobam as necessidades educacionais de gênero e aprimorem a interpretação dos alunos/as nas respectivas temáticas.

Além disso, a monografia tem como **objetivo geral** debater as práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero em sala de aula no Escola Estadual Josué Passos. Para isso, foi definido os **objetivos específicos** a seguir, investigando as práticas utilizadas em sala por meio de uma pesquisa de campo com professoras/es dessa escola, como também identificar os possíveis impactos gerados nas/os alunas/os a partir dos dados coletados junto às/às professoras/es, com a finalidade de propor práticas pedagógicas para uma abordagem científica sobre os papéis de gênero na escola.

Esta pesquisa está amparada nas contribuições dos Estudos Culturais na perspectiva pós-estruturalista, pois esta monografia se debruça com referencial teórico de autores/as como João Paulo Balisnei (2022), o qual se dedica aos enredos que envolvem as representações de gênero, de modo que seja possível aprender e refletir sobre as práticas e normas que são

¹ A partir de agora, o texto da pesquisa será tecido em primeira pessoa do singular.

associadas aos meninos/as no contexto social que estamos inseridos/as. Nesse mesmo ramo da pesquisa, foi referenciada a autora Judith Butler (1990; 2003), que explica como as identidades de gênero são performativas no meio social, já o autor/a Silva (2007) estuda como as identidades criadas através das relações da cultura podem afetar as crianças nas relações de gênero. Em contrapartida, os autores Passos, Souza e Barros (2024) pesquisam sobre as dinâmicas de gênero, uso de brinquedos, roupas de determinadas cores refletem nos estereótipos criados pela sociedade. A autora Castañeda (2002) e Costa et al. (2020) argumentam sobre as implicações da educação e das práticas de gênero que são impostas pelas crianças desde berço, o que destaca o papel das escolas na manutenção do machismo.

O trabalho está organizado da seguinte forma: na seção a seguir é apresentada a metodologia da pesquisa, como foi realizada a observação e como será conduzida a análise; em seguida é exposta a abordagem teórica-conceitual já associada à análise dos dados de pesquisa; em seguida são apresentadas as considerações finais

2 OLHARES METODOLÓGICOS

“Defendemos que a prática de fazer pesquisa está diretamente ligada à realidade vigente de uma época, aos membros de uma sociedade estudada, bem como os espaços de cultura existentes” (Accorsi, Teruya, 2020, p. 191). Portanto, a pesquisa aqui delineada considerou a sociedade do século XXI, bem como o lugar onde a observação foi realizada, cidade interiorana do estado de Sergipe. A observação ocorreu em uma turma do 3º ano dos anos iniciais. A abordagem é qualitativa visando uma compreensão aprofundada dos fenômenos pesquisados, por isso, foi necessário levar em conta o contexto o levantamento de dados recolhidos através da investigação.

Desse modo, a pesquisa qualitativa, segundo Gil, (2010, p.138) “busca compreender fenômenos sociais através de dados não numéricos. Focando em significados e experiências dos indivíduos”. Desse modo, a abordagem qualitativa observou o comportamento e o envolvimento do grupo pesquisado, se enquadrando na análise de quais são as práticas de gênero presente na sala de aula e como reage a essas práticas. Dessa forma, os dados coletados através da pesquisa de campo, serão analisados através dos Estudos Culturais e de Gênero, pois é oferecido um referencial teórico de acordo com a temática pesquisada, de modo que ocorra a compreensão das práticas de gênero que a sociedade impõe.

A pesquisa é, ainda, bibliográfica para aprofundamento da temática estudada, tendo em vista a relevância de analisar materiais que abordam o assunto explorado.

A partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Dito isso, há a necessidade de analisar materiais que promovam uma base para construir uma fundamentação sobre o tema que é investigado. Além do mais, observando as lacunas que foram deixadas para que a problemática estudada seja construída a partir de um outro enfoque, sem o compromisso de esgotar a discussão sobre o tema (Accorsi, Teruya, 2020). A educação é um ato cultural, que criou normas e padrões de gênero, que acometem as experiências de infância dos/as alunos/as ao decorrer das suas experiências em sala de aula. Desse modo, é necessário entender como essas práticas estão ocorrendo em sala, pois

[a] noção de infância percorrida nas pesquisas dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero não é tomada como homogênea, fixa, naturalmente dada, nem ocupa a categoria de universal, uma vez que se considera que distintos modos de a produzir ocorrem em diferentes locais geográficos. Do mesmo modo, a infância não é entendida como um período de inocência e de pureza, que precisa ser assim cultivado. (Beck, et al, 2013, p.180)

As práticas de gênero se dão a partir das construções sociais, que formam a identidade, comportamento, vestimentas e entre outros, além disso, criam expectativas para as vidas das pessoas. Os estereótipos de gênero são ressaltados e reforçados nas instituições sociais, familiares, escolar, como também no meio midiático. Como afirma Judith Butler (1990, p. 44), gênero não é algo que se é, mas sim algo que se faz: “o gênero é uma performance, uma série de atos que são repetidos ao longo do tempo”, ou seja, as práticas de gênero foram criadas ao decorrer do surgimento da sociedade e são caracterizadas e reforçadas pela sociedade comumente.

A pesquisa de campo foi desenvolvida no período de quatro a oito de novembro de 2024, a partir de uma observação participante realizada com os sujeitos pesquisados, visando a aproximação da pesquisadora com a realidade para que as análises dos comportamentos dos indivíduos mediante a temática ocorram de modo analítico. O lócus do trabalho foi a escola supracitada que é uma instituição pública e estadual que está localizada no município de Ribeirópolis/SE e tem na sua matriz curricular a etapa do ensino fundamental (anos iniciais e finais) ofertado nos turnos matutino e vespertino, contendo a modalidade da educação de jovens e adultos (EJA) no período noturno, conta com cerca de 310 alunos matriculados, organizados entre os níveis e modalidades existentes no estabelecimento (Gil, 2010).

Os sujeitos dessa pesquisa são os/as alunos/as da Escola Estadual Josué Passos, na investigação foram observados indivíduos na faixa etária dos seis a sete anos, da turma do 3º ano, dos anos iniciais. Na sala pesquisada contém 12 crianças, sendo 5 meninas e 8 meninos, a observação foi a principal fonte para coleta dos dados, os quais, serão apresentados no referencial teórico + análise de dados. A observação foi realizada ao decorrer das aulas, dentro da sala, momentos em que a docente regente estava ministrando as aulas e conteúdos didáticos, que se iniciavam às 13:30, as 15:00 horas era a pausa para o recreio e descanso e finalizavam às 16:00 horas.

Os instrumentos de coleta de dados selecionados para esta pesquisa incluem, caderno e lápis para anotações da observação ao decorrer do período de acima mencionado, em um diário de campo que está posto nos apêndices desta monografia. Dessa forma, foi priorizado as falas que estavam associadas às temáticas de gênero abordadas na monografia. Além do

mais a presença da pesquisadora em sala, visto que, quando se trata de crianças, qualquer pessoa fora do seu cotidiano em sala, muda seus comportamentos.

A análise do achado dos dados foi produzida pelos Estudos de Gênero e Estudos Culturais, como afirmamos anteriormente, enquanto técnica que visa interpretar os dados obtidos durante a pesquisa, desse modo, as informações traçadas os dias observados foram transcritas para o projeto e comentadas posteriormente, com o intuito de auxiliar a organização dados que forem surgindo, para o desenvolvimento do projeto. Além disso, é possível destacar as principais reações, respostas significativas e os códigos repetitivos para categorizar os comportamentos dos/as discentes e da docente.

Dessa forma, a análise dos dados coletados permitiu uma reflexão crítica sobre as formas como as práticas de gênero são impostas pela sociedade. Ainda que não encerre as considerações sobre o assunto, pois as verdades são provisórias e instáveis, a pesquisa desvelou um cenário acerca do tema. Para preservar a imagem dos/as estudantes pesquisados/as, foram criados pseudônimos para referir-se a eles, são eles: **Aluna Torre, Aluna Castañeda, Aluna Silva, Aluno Baliscei, Aluno Louro, Aluna Moraes, Aluno Gil, Aluno Butler.**²

² Os pseudônimos não, necessariamente, estão de acordo com o gênero da criança, de modo que todo o trabalho considera e respeita o gênero fluido.

3 MENINOS E MENINAS NA ESCOLA ESTADUAL JOSUÉ PASSOS

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa analisou as práticas pedagógicas sobre os papéis de gênero em sala de aula e como os/as discentes respondem a essa prática, isso porque a organização proposta torna o ambiente acessível ao conhecimento, afinal elas são repetidas várias e várias vezes ao longo do ano letivo e vão deixando marcas culturais nas crianças. As representações de gênero estão presentes em nossa sociedade distinguindo o que é permitido aos meninos e o que é autorizado às meninas. Vale salientar que os artefatos culturais vêm produzindo culturas que ensinam como as crianças devem brincar, se vestir e até mesmo criar sua identidade de gênero perante o meio social em que estão inseridas. É como afirmar que crianças são produzidas de modo fabril, em série, a partir de um padrão. Entre as concepções ensinadas às crianças está a cisgeneridade, como afirma Vergueiro (2016, p. 02).

Entendemos a cisnormatividade como uma regulação que atua para que a cisgeneridade, o alinhamento entre o sexo\gênero designado ao nascer e o sexo\gênero com o qual nos identificamos, se mantenha como referência para todas as pessoas (Vergueiro 2016, p. 02).

Desse modo, compreendo que, antes mesmo de iniciar as suas vivências na infância, os meninos/as já são moldados/as com os padrões existentes em nossa sociedade, composta pela masculinidade heterossexual, cisgênera, abastada, cristã e branca. Essa é a norma a ser vislumbrada. O que foge da norma social é tido como secundário, dissidente e/ou fora do padrão. Os padrões são apresentados em diversos meios que, diretamente e indiretamente, chegam até as crianças de todas as idades, por meio dos desenhos animados e seus personagens, mas não somente eles. “É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo” (Louro, 2008, p. 18). Bernardo e Baliscai (2019, p. 197) exemplificam que

essa prática recorrendo a personagens de desenhos animados conhecidos que são voltados ao público infantil e que operam como currículos culturais na intenção de lhes ensinar algo. As princesas da Disney, por exemplo, são consideradas símbolos de feminilidade e demonstram, de certa forma, como as meninas devem se portar e se caracterizar, determinando cores, habilidades, movimentos, trejeitos, matrimônios. Os super-heróis, semelhantemente, demonstram, por meio de suas conquistas, músculos e ações corajosas e destemidas, como devem ser exercidas as masculinidades,

assim como os comportamentos que os meninos não devem assumir para que não sejam lidos como femininos. (Bernardo e Baliscei, 2019, p. 197)

Os papéis de gênero desempenhados por meninas/os são compartilhados socialmente pela mídia, escola, família, trabalho e entre outros. Nesse viés, os papéis de cuidar, educar, limpar são denominados como femininos, já os papéis de gênero masculinos estão atrelados ao lazer, ao provedor da casa, chefe, em que basta apenas ele realizar as obrigações fora do âmbito familiar, sendo as meninas condicionadas ao privado e os meninos ao espaço público.

Desse modo, podemos notar que as relações com as profissões que a sociedade denomina como para homem ou mulher, como por exemplo: empresário, jogador, arquiteto engenheiro são profissões que demandam o homem na sua diligência, já as profissões ditas cujas para mulheres resumem-se em professora/educadora, cozinheira, faxineira, babá, cabelereira, manicure, enfermeira, pois são profissões estão ligadas ao cuidado e que estão associadas sobretudo aos cuidados do lar (Bernardo, Baliscei, 2019).

No século XXI, pensadores/as e historiadores/as da área da educação também questionavam métodos que diferenciavam o feminino do masculino. De modo que as atividades domésticas como cuidar e educar eram associadas à feminilidade, como se as mulheres tivessem mais jeito quando se refere a essas práticas por serem mais sensíveis. Uma invenção que deseja controlar as mulheres e alocá-las nos espaços de cuidado. Já a masculinidade é exaltada através dos negócios do homem, como um líder à espera de ser servido.

Em épocas passadas, pensadores, historiadores e educadores como Jean Jacques Rousseau (no século XVIII), Jules Michelet e Friedrich Fröebel (no século XIX) propuseram uma educação diferenciada em razão do gênero. Tais autores utilizavam as ideias de essência, instinto e natureza para reafirmar as diferenças entre meninos e meninas. Também defendiam que as meninas deveriam ser recatadas e criadas principalmente para desenvolver atividades voltadas à família e ao lar. Em contrapartida, os meninos eram incentivados a ocupar “lugares de maior prestígio e visibilidade social”, como, por exemplo, o “mundo dos negócios”. A feminilidade estava calcada especialmente nas questões que diziam respeito ao cuidado, ao amor e à maternidade; já a masculinidade estava voltada para as que envolviam coragem, trabalho, competição e perseverança. (Felipe, 2000^a, apud Guizzo, 2000, p. 38,39)

Contudo, é notável que as meninas/os são ensinadas, desde pequenas, por meio de brincadeiras do âmbito do cuidar, como por exemplo: ganham bonecas, utensílios de cozinhas, ferro de passar; já os meninos ganham carros, videogame, bola, ou seja, são as pedagogias culturais que ensinam os modos de ser, estar e viver o mundo. Tais afirmações

teóricas foram notadas na coleta de dados de nossa pesquisa de campo, por meio da observação, quando dois/duas alunos/as discutiam sobre o que iam ganhar em seu aniversário. Esse diálogo ocorreu no 1º dia da pesquisa, quando a professora regente, liberou o momento da aula para eles/as brincarem e dialogarem, enquanto a professora confeccionava artefatos para apresentação que estava sendo ensaiada, em meio a essas brincadeiras, o **Aluno Butler** e a **Aluna Castañeda**, adentraram no assunto de aniversário e presentes que desejavam ganhar.

O **Aluno Butler** disse “no meu aniversário irei ganhar mais de 500 robôs”. A **Aluna Castañeda** rebateu “no meu aniversário irei ganhar várias bonecas, panelinhas e roupinhas”. Com esse diálogo dos/as alunos/as, notei os marcadores de gênero nas brincadeiras, notei as pedagogias culturais generificadas nos brinquedos que eles/as desejam/dizem ganhar. Nesse sentido Andrade e Costa (2015, p.61) *apud* Guzzo (2024, p. 10,11) explicam que “[a]s pedagogias culturais atuam na composição de identidades, na disseminação de práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade”.

De acordo com os Estudos Culturais, as identidades de gênero são moldadas através das interpelações recebidas ao longo de toda a vida. “O gênero é uma construção cultural; consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tão aparentemente fixo como o sexo.” (Butler, 2003, p. 17). Com isso, podemos notar que o gênero é algo performado pelo sujeito que recebe da cultura patriarcal elementos para se constituir, onde existe uma abundância de regras e normas que ditam como as mulheres/homens devem se portar. Quando **aluno Butler** e **aluna Castañeda** dialogam, percebo que estão performando o gênero, conforme a cultura definiu.

No 2º dia de observação quando a professora regente passou uma atividade no livro didático, a **Aluna Silva**, virou-se para trás onde o **Aluno Balisnei** estava sentado, e o chamou de “querida”, de imediato e sem intervenção de alguém presente na sala, a aluna pediu “desculpa” ao **Aluno Balisnei**, explicando que, esquece de chamar no “masculino”. Em outras palavras, as crianças consideram xingamentos quando trocam as referências de gênero ao se referir às pessoas. Em outras palavras, para um menino cisgênero ser chamado de menina, ou de querida, é um insulto. Neste caso, a troca espontânea de **Aluna Silva** poderia comprometer a masculinidade do colega.

É pertinente destacar que, nas escolas e salas de aula, essas normas são reforçadas de várias formas e maneiras como os banheiros, as mochilas, as filas, os pares da festa de São João. Ou seja, padrões, estereótipos e representações de gêneros continuam a ser comuns em nossa sociedade, prevalecendo as imposições criadas ainda pelo patriarcado.

Quantos brinquedos, lidos como de meninas ou femininos, gostaríamos de ter, mas nem sequer poderíamos desejá-los, quanto mais ganhá-los, já que deveríamos aprender a ser meninos, o que incluiria rejeitar tudo o que não fosse de homem. Se ganhar um brinquedo que não fosse de menino já era, praticamente, impossível, o que diria de uma roupa da Mulher Maravilha, como foi o caso de Miguel. (Passos, et al, 2024, p. 4)

É notório que as práticas de gênero utilizadas em sala de aula suscitam a interpelação de como as crianças agir na sociedade. Como citado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): “[a] BNCC enfatiza a necessidade de ‘promover a igualdade de gênero e combater preconceitos e discriminações’ desde a primeira infância, incentivando práticas pedagógicas que respeitem a diversidade e a inclusão” (Brasil, 2018, p. 40). Com isso, é necessário buscarmos meios que promovam e respeite igualdade de gênero, em que a “troca” das referências de gênero como “querida” não seja vista como um insulto, mas uma forma livre e gentil de tratar o/a outro/a.

As/os alunas/os estavam prestes a realizar uma apresentação no âmbito escolar, a qual consistiu na apresentação na escola acerca do “O Mágico de Oz”, um clássico da história infantil que conta sobre a menina Dorothy e seu cachorro Totó que são levados juntos com sua casa por um ciclone para o mundo de Oz. Lá, eles/as precisam encontrar com o Mágico de Oz pra poderem voltar pra sua cidade. Ao decorrer do ensaio, os alunos/as faziam uma roda para repassar as falas, nesse momento a **Aluna Silva** e a **Aluna Moraes** estavam chamando o **Aluno Louro** de bruxa, com isso o **Aluno Louro** logo respondeu: eu não sou bruxa, pois bruxa é mulher e veste vestido, a professora regente não interferiu junto das/os alunos/as ou corrigiu, apenas pediu silêncio.

Ao observar as falas dos alunos/as notamos, os papéis de gênero que são atribuídos às mulheres, de modo que ocorra a generificação do que é feminino/masculino, até mesmo nos desenhos, filmes e entre outros, onde as crianças internalizam os papéis e expectativas de gênero que estão sendo apresentados. Nessa conjuntura, é comum as crianças em determinada etapa da sua infância pedirem, à família, fantasias de personagens de desenhos animados ou até mesmo vistos nos meios de comunicações virtuais.

As princesas da Disney, por exemplo, são consideradas símbolos de feminilidade e demonstram, de certa forma, como as meninas devem se portar e se caracterizar, determinando cores, habilidades, movimentos, trejeitos, matrimônios. Os super-heróis, semelhantemente, demonstram, por meio de suas conquistas, músculos e ações corajosas e destemidas, como devem ser exercidas as masculinidades, assim como os comportamentos que

os meninos não devem assumir para que não sejam lidos como femininos. (Bernardo e Baliscei, 2019, p. 197)

É notável o quanto a sociedade está submersa as expectativas que são criadas, diante da feminilidade e masculinidade, como supracitado em algum momento no texto, desde berço as meninas/os, recebem uma enxurrada de padrões, normas e estereótipos criado pelo patriarcado como exemplificam os autores Kauane Moraes Bernado e João Paulo Baliscei (2019):

O “chá de bebê”, a montagem do enxoval, a escolha do nome e outras tradições criadas e modificadas em âmbito cultural tendem a elaborar um currículo cultural de definição do gênero da criança a partir da identificação de seu sexo biológico e a presumir que ela se enquadrará em determinados padrões de masculinidades ou feminilidades. Para isso, esses currículos culturais generificados recorrem a determinadas cores, acessórios, brincadeiras, presentes, roupas, elogios, texturas etc. (Bernardo e Baliscei, 2019, p.197)

A sociedade reguladora possui agentes que cobram a adequação aos padrões de gênero. Entretanto, os séculos XVII e XIX, as cores não eram associadas aos gêneros, como é nos dias de hoje. Inclusive a cor rosa era utilizada pelos meninos da nobreza e classes sociais alta no século XIX, por ser considerada uma cor “forte”, desse modo era vinculada a masculinidade por demonstrar poder e vigor, principalmente aos príncipes daqueles séculos. Somente a partir do século XX as cores começaram a ser associadas às normas e estereótipos de gênero pela sociedade. A partir disso, podemos notar que na sala de aula ainda é discutido e pontuado a questão das cores e vestimentas.

Em contrapartida no ano de 2019, o presidente Jair Messias Bolsonaro, juntamente com a Ministra da Mulher, Família e direitos Humanos, intitulada como Damares Alves, comunicaram em público, que o Brasil existira uma nova fase em que “menino veste azul e menina veste rosa”. Ou seja, notamos que as cores são lutas dos/entre o gênero, que indicam comportamentos, modos de existência. Contudo, o discurso da ministra não está relacionado somente à ideologia e estereótipos que existem sobre as cores, mas sim uma estrutura social LGBTfóbica e misógina.

Ainda referindo-se à apresentação os alunos/as, quando foram experimentar as roupas dos personagens, o aluno que interpretaria o leão logo perguntou a professora, o que era aquilo que ela estava segurando. Ainda no 3º dia em meio ao ensaio e provas das roupas os alunos/as, continuaram com diversos questionamentos sobre as roupas, que seriam usadas na apresentação. Logo, ela disse que era a calça que o leão utilizaria. O **Aluno Gil** perguntou: “mas não é de mulher isso aí?” A professora logo respondeu que não era de mulher, mas sim

do leão. O **Aluno Gil** indagou, pois era uma calça *lenngin* e “colorida” que para sociedade apenas mulheres usam.

A interação entre discente e docente mencionada acima indica a presença de estereótipos de gênero, de modo que a masculinidade é ressaltada e aplaudida quando associada à performance definida culturalmente como a correta/adequada. Como, por exemplo, os meninos são incentivados a participarem de atividades físicas que demandam competição, força, os quais se atrelam ao futebol e atletismo, pois essas atividades estão relacionadas às características de força, coragem e competição que justamente é associada a masculinidade ou seja aos meninos. Em contrapartida, as meninas são instruídas a participarem de atividades que demandam cuidado com o outro, cooperação e estabilidade emocional. Ou seja, atividades como culinária, dança, pintura e entre outras de modo, que transparece que as mulheres são mais sensíveis ao realizar determinadas atividades.

Aos meninos, posições de maior prestígio e visibilidade continuam sendo atribuídas, contrariamente ao que acontece às meninas (eles são quem, na maioria das vezes, ocupam posições de “líderes de turmas”; são mais incentivadas e elogiadas quando “executam” bem determinada atividade, etc.). Na escola são fornecidos/apresentados modelos de comportamentos femininos e masculinos os quais auxiliam as crianças a compreenderem conceitos do que é ser menina e menino. (Guizzo, 2000, p. 39)

Outrossim, o currículo reforça os estereótipos de gênero nos livros didáticos fornecidos aos alunos/as. Como, por exemplo, ao expor imagens masculinas/femininas, é associado à identidade de gênero que cada um pertence, o homem é apresentado como cientistas, líderes ou empresários, por outro lado as mulheres são apresentadas na função de mães e cuidadoras. “É provável que para algumas crianças - aquelas que desejam participar de uma atividade controlada pelo outro gênero - as situações que enfatizam fronteiras e limites sejam vividas com muita dificuldade” (Louro, 2012, p.83). Os/as estudantes ao serem induzidos a participar de atividades associadas ao gênero oposto traz consigo uma bagagem de algo que já ouviu ou presenciou, mediante a sua vida. Como já citado no texto, o **Aluno Gil** comentou sobre achar que aquele tipo de calça somente mulheres poderiam usar, com isso podemos notar a inflexibilidade das normas de gênero que a sociedade impõe e as crianças passam a aderir.

A sociedade está designada a desenvolver cada um seu papel de gênero perante o que foi ensinado geração após geração. É uma forma de controle social e cultural dos sujeitos, pois para a manutenção do patriarcado, as regras precisam ser seguidas à risca. Os homens não podem realizar atividades que envolvam cuidado, limpeza e até mesmo carinho, pois caso realizem já serão intitulados como incidentes do tipo: é uma mulherzinha, é gay e é a mulher

que manda nele. Já as mulheres, quando desenvolvem uma atividade dita como de homem também é designado preconceito ao seu respeito. Diante do exposto, a dificuldade que Louro (2012), explana em sua citação, não está ligada somente ao enfrentamento das normas que a sociedade impõe, mas também, como essas crianças estão sendo afetadas. Por exemplo, aos alunos/as que se sentem pressionados/obrigados a seguir esses padrões, acabam perdendo a chance de refletir sobre sua própria identidade.

As literaturas infantis e as disciplinas de história e matemática afirmam que algumas áreas de conhecimento, como ciências exatas e tecnologia são apropriadas para os meninos enquanto artes e ciências sociais são apropriadas para as mulheres, mediante as figuras de representações existentes nos livros didáticos. No momento em que estava ocorrendo a prova dos vestimentas da apresentação, no 3º dia da pesquisa, O **Aluno Gil** cogitou que a calça que a professora estava segurando não poderia ser de menino, pois todo o arcabouço cultural que acessou, advindo de livros, desenhos, filmes e até mesmo no seu cotidiano, somente mulheres são vistas utilizando esse tipo de vestimenta, ou seja, um papel de gênero que em algum momento foi criado e imposto pela sociedade e o aluno passou a aderir, pois parecia natural. Nesse sentindo, a professora regente não interviu na fala da criança, apenas prosseguiu com o ensaio, o que seria necessário ter intervindo, para que, a criança pudesse compreender sobre os papéis de gênero que a sociedade impõe.

A Ideologia de gênero concerne a ideias e crenças que a natureza “divina”, ou seja, o natural para determinados papéis de gênero, como por exemplo, a maternidade é algo natural e considerado divino para as mulheres, já o papel de provedor é designado “naturalmente”, para os homens, reafirmados pelo patriarcado. Com isso, esses papéis são considerados naturais e não questionáveis pela sociedade, o que ressalta e afirma a heteronormatividade, que nada mais é do que a crença da heterossexualidade, a qual é tida como normal e natural no meio social.

Constatou-se que em suas famílias os pais tinham liberdade para viajar e explorar o mundo enquanto as mães ficaram em casa cuidando dos filhos. Assim, “desde cedo, as crianças começam a observar, dentro de casa, que existe um padrão em que o homem é dominante, as mulheres acabam subordinadas às crianças e aos homens, e estes são mais livres das responsabilidades com a casa”. (Costa; Coelho, 2013, p. 488, apud, Silva, 2018, p.7)

Todavia, é importante ressaltar que as crianças, em determinado momento, podem interligar a criação da sua identidade através das ideologias de gênero. Visto que, elas/eles

têm uma enorme facilidade de adentrarem em determinados assuntos presentes em seu cotidiano. Além do mais Costa e Coelho (2013, p. 488) *apud* Silva (2018, p.7) constataram ainda que as meninas e os meninos não compartilhavam as mesmas brincadeiras e assim, “a recusa, por parte de uma menina, de brincar de bonecas ou gostar de brincadeiras consideradas masculinas, acaba acarretando um forte preconceito”. Como já citado na observação, dois/as alunos/as com a estimativa de seis anos estavam discutindo sobre artefatos que irão ganhar no seu aniversário. Desse modo, podemos perceber que em algum momento essa criança viu ou lhe foi dito, que as bonecas são associadas as performances femininas. Já os meninos em algum momento associaram que os robôs estão ligados as performances masculinas.

Conforme os estudos já evidenciados no texto, em algum momento, seja escolar, familiar ou por meio dos desenhos/filmes, foi apresentado as essas crianças, brinquedos e performances, ditas ou imposto regras e normas que se referem aos papéis de gênero impostos pela sociedade. É importante mencionar, sobre as emoções que as pessoas carregam consigo ao decorrer da sua vida por exemplo, desde criança os meninos são ensinados a esconderem suas emoções e sentimentos, pois caso ele demonstre-as, será considerado fraco ou “feminino”.

Entretanto, as meninas são ensinadas ao contrário, elas sim devem demonstrar suas emoções, principalmente a que exala a empatia e cuidado com o próximo, pois com isso ela é considerada totalmente feminina. É como se as meninas fossem associadas à emoção e os meninos à razão. E na sociedade vigente, a razão tem mais credibilidade social. Correlacionado com as falas dos/as alunos/as na pesquisa de campo, isso explica o imediatismo de correção da **Aluna Silva** ao chamar o **Aluno Baliscei** de “querida”. Podemos indagar junto as emoções que cada um tem que expressar dentro do seu “papel” enquanto homem ou mulher.

Diante das análises feitas, vislumbro o quanto as pessoas ainda seguem um padrão dito como correto. Padrões de gênero que afirmam que meninas usam rosa/meninos usam azul, menina brinca de boneca/menino brinca de carrinho e entre outros diversos exemplos já citados na monografia, todos esses exemplos dialogam com os valores culturais da nossa sociedade que, ao separar os gêneros também os hierarquiza.

Com isso, é importante ressaltar sobre a identidade das crianças, a qual, é construída por meio do coletivo/meio que está inserida/do, além do mais a autora Borre, (2010, p. 33 - 34) explica que a identidade é criada através dos convívios sociais, relações familiares, na escola, nas mídias sociais, pelas músicas e entre outros elementos e circunstâncias que estão

presentes em seu cotidiano. Dessa forma, observo, na pesquisa realizada, que desde a infância, somos ensinados/as a seguir normas e comportamentos, de modo que não somos somente uma representação do individual ou biológico, o que reforça os estereótipos, padrões e desigualdades existentes no âmbito social.

É importante pautar sobre os currículos que invadem as escolas, os quais também seguem os padrões de gênero impostos pela sociedade e também pelo capitalismo, que adotam ações de venda, que reforçam os padrões de gênero que enclausuram as crianças. Por exemplo, os cadernos femininos sempre exalam doçura, padrões de beleza relacionados a estética, acessórios, vestimentas sobre o que as meninas “sonham ser ou ter” ou que lhe disseram que para ser mulher é necessário performar daquela maneira. Já os cadernos “Masculinos” carregam em suas capas carros, jogos de futebol, motos, personagens homens de filme, algo relacionado ao que é imposto como masculino/masculinidade. Borre (2019) aborda o quanto esses padrões de gênero demarcam e delimitam as crianças:

As imagens que invadem as salas de aula, através de materiais escolares, roupas, acessórios, desenhos animados, filmes, tatuagens e brinquedos, produzem um discurso sobre a maneira "adequada" de meninas pensarem e agirem socialmente. Padrões de gênero são demarcados e delineados pela cultura visual que, atualmente, atende a um mercado de consumo cada vez mais específico para as meninas. Elas não só corporificam as maneiras de ser de suas personagens, mas também desejam adquirir diversos produtos relacionados, nesse caso, a Barbie, a Moranguinho, a Puca, a Helo Kitty e as Princesas da Disney. Assim, a reflexão que segue no próximo item é sobre o consumo de produtos específicos pelas crianças. (Borre, 2010, p. 91)

Na ótica deste estudo, as crianças vão absorvendo uma enxurrada de padrões de gênero desde a sua primeira infância, não prevalecendo o descobrimento/criação da sua própria identidade, pois quando expressado um gosto diferente daquilo que a sociedade julga como correto, a criança recebe uma enxurrada de críticas e preconceito, que funcionam como disciplinadores de gênero e objetivam fazer as crianças voltarem ao rumo do machismo. Por existir uma cultura atrelada de valores e normas que regem o patriarcado, esses padrões de gênero são reforçados a cada dia. Ainda relacionada à identidade, a imposição desses padrões e estereótipos causa uma interpelação na formação e descobrimento da identidade, pois esses estereótipos estão a todo momento divulgados pelas mídias, pelo comércio, pela linguagem.

Cotidianamente, os estudantes evidenciam que suas identidades também são construídas por um imenso repertório de imagens. A escola é invadida por mochilas, cadernos e outros materiais escolares decorados pelas imagens dos personagens preferidos das crianças (que muitas vezes não permanecem nessa preferência por mais de três semanas). Essas vivem numa sociedade de

consumo, onde as imagens contribuem significativamente para compor o desejo de compra de produtos destinados ao público infantil feminino e masculino. Assim, as salas de aula tornam-se cenários pertinentes a um estudo relacionado à Cultura Visual. (Borre, 2010, p. 13).

Em razão disso, as identidades das crianças são fomentadas/influenciadas por todas as imagens que invadem as salas de aula. Os desenhos e os padrões de gênero estampados nos materiais escolares evidenciam a preferência dos/as alunos/as prevalecendo o mecanismo de venda do capitalismo, ressaltando a sociedade de consumo, preferências atreladas ao mundo sexista de existência. Desse modo, os materiais são vendidos com base na diferenciação dos padrões de gênero, ou seja, torna-se algo específico de cada gênero. O ambiente escolar é um ambiente, onde as culturas visuais se entrelaçam aos estudantes, de modo que os materiais infantis trazem consigo significados que corroboram com os padrões de gênero, valores carregam e entre outros. É como se a professora regente não se manifestasse sobre os gêneros, mas seu silêncio corrobora com os cadernos, as brincadeiras, os banheiros, as festas que alinham os gêneros conforme a expectativa normativa social.

O capitalismo traz uma ideia de que as pessoas podem se movimentar dentro da pirâmide social seguindo os padrões de consumo, que é imposto para as pessoas, a partir da classe que estão inseridos/as, de modo, interligado aos mecanismos de consumo. Entretanto com o surgimento da modernidade, esses papéis e movimentos eram destinados apenas para os homens, por conta das diferenças sexuais/constituições diferentes do que eram para os homens e para as mulheres. Ou seja, é como se a "natureza" tivesse destinado os papéis que cada um deve seguir, desse modo, eram garantidos os postos de trabalhos separados pelo sexo, o que ainda está presente em nossa sociedade desde do século XIII.

Portanto, mesmo diante dos avanços das relações de gênero, verifiquei, na escola estudada, a presença de estereótipos, padrões de gênero, preconceitos que formam as crianças funcionando como um currículo oculto (Silva, 2007). Ignorar as práticas generificadas é concordar, mesmo que intencionalmente, com as desigualdades. Que as próximas gerações possamos usufruir das discussões presentes neste trabalho, vivenciando uma vida mais livre, plural, com a dignidade de ser quem se é.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada com uma observação em um trabalho de campo na Escola Estadual Josué Passos evidenciou o que já havia sido afirmado pelas teorias do campo dos Estudos Culturais e dos Estudos de gênero, de que as instituições de ensino funcionam como disciplinadoras das normas de gênero. Foi possível ver e compreender que, por mais que existam evoluções nos debates sobre igualdade de gênero, até então, ainda prevalecem práticas de gênero/padrões de gênero que limitam as crianças em meio ao ensino/aprendizagem.

O trabalho foi iniciado destacando, os padrões de gênero existentes na sociedade, os quais, se debruçam sobre o que “é de menina” e o que “é de menino”. Visto que, os papéis de gênero têm uma função importante na construção da formação social e na identidade das crianças, de modo que os ensinamentos e distinções que ocorrem interpelam diretamente na construção da identidade. A identidade, portanto, é formada através de diversos fatores sociais, sendo um deles o convívio escolar.

O objetivo geral foi atingindo à medida que todos/as que fazem a Escola Estadual Josué Passos junto com a professora regente recebeu a pesquisadora, de modo significativo e íntegro. Com isso, na observação junto aos alunos/as a coleta dos dados, foi conduzida a partir de olhares críticos. Ao desenvolver dos dias na pesquisa de campo, foi notório o quanto as práticas pedagógicas em sala de aula dialogam com as teorias discutidas ao decorrer de todo texto.

Na pesquisa de campo, foram analisados como os padrões de gênero ainda acontecem dentro da sala de aula, pois mediante aos dados coletados esses padrões e estereótipos ainda permanece presentes na escola sob o olhar docente. Dessa maneira, os/as alunos/as, a todo momento, se posicionavam através dos padrões de gênero que a sociedade impõe. Foi perceptível que a docente regente não intervia ou corrigia os/as alunos/as, quando estavam dialogando e ocorriam as falas delimitadas pelos padrões de gêneros/estereótipos.

Nesse viés, é verídico que os papéis de gênero são formados e reforçados, através da família e das escolas, uma vez que a partir da observação em sala foi notado pela docente, que as crianças presentes na turma, impuseram falas marcadas por padrões/estereótipos de gênero ou até mesmo indagaram vestimentas em um determinado momento, sempre ressaltando o que é de menina/menino. Mediante a isso, a professora regente, não dialogou ou indagou os/as estudantes sobre tais práticas, apenas seguiu com a aula. Desse modo, a hipótese levantada no momento introdutório do texto, tornou-se uma afirmativa da realidade, tendo em vista que, quando os/as alunos/as se posiciona ou reproduz um padrão/estereótipo de gênero e não é

corrigido/orientado que não deve ser daquela forma, ele/a crescerá com aquele pensamento engessado. Em decorrência disso, foi evidente que na sala de aula pesquisada esses papéis de gênero ainda prevalecem.

Assim concluo, que as conversas/diálogos/brincadeiras dos/as alunos/as, foram suficientes para responder todas as dúvidas/perguntas da pesquisadora. Como também, foi fundamental, para que ocorresse a correlação da teoria estudada com as práticas que ocorrem nas salas de aula, o que serviu de base para construção desta monografia. Desta maneira, pude compreender/aprender, que a educação ainda segue padrões impostos por séculos passados. Através dessas limitações/reproduções de gênero dentro das salas de aulas os estudantes ficam presos ao que a sociedade impõe para cada gênero, acometendo a infância e experiências dos alunos/as ao decorrer da sua vida estudantil.

Diante do supracitado, é necessário que seja priorizadas práticas pedagógicas onde prevaleça a equidade, de modo que os estudantes sejam formados para uma sociedade plural a partir das diversidades de gênero. Por fim, que esse estudo contribua para as atuais e futuras discussões/pesquisas sobre educação e gênero. De modo, que sejam promovidas novas ações que promovam a igualdade de gênero, para que, as crianças possam usufruir com liberdade o aprender, desenvolver e brincar, sem os padrões e gênero e estereótipos existentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ACCORSI, Fernanda Amorim; TERUYA, Teresa Kazuko. A pesquisa como ato reflexivo de coragem e disputa por significado. **Textura** – Revista de Educação e Letras, v. 22, nº49, 2020, p. 190-204. Disponível em: <>. Acesso em 13 de fev. de 2025.
- BALISCEI, A. **É de menina ou menino? Imagens de gêneros, sexualidade e educação**. São Paulo: Editora Bagai, 2022. p. 8.
- BECK, Claudia; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth; BECK, Ulrich. **Infância e sociedade: novas perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- BECK, D. Q.; GUIZZO, B. S. **Estudos Culturais e Estudos de Gênero: Proposições e Entrelaço às Pesquisas Educacionais**. Holos, ano 29, v. 4, 2013.
- BERNARDO, Kauane Moraes; BALISCEI, João Paulo. **“Por que você não pode ser normal?”: gênero, infâncias e currículos culturais na animação** Float (2019). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20435/serieestudos.v28i63.1720>. Acesso em 19 de nov. de 2024
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: tradução de João Ferreira de Almeida.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTAÑEDA, C. **Praticamente desde o berço**. São Paulo: Editora DEF, 2002.
- COSTA, A. et al. **Abordagens sobre questões de metodologia e política na escolarização**. São Paulo: Editora ABC, 2020. p. 53.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- G1. Em vídeo, **Damare diz que “nova era” começou: “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”**. G1. 2019 jan. 3. [acesso em 2024 dezem. 21]. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damare-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUIZZO, Bianca Salazar. **Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na educação infantil**.
- GUZZO, Bianca Salazar. **YouTube e a produção das infâncias: um olhar para as questões de gênero**. Periferia, v. 16, p. 01-17, 2024.
- HOOKE, Bell. **O feminismo é para todos: Política Apaixonada**. 1. ed. Cambridge
- INSTITUTO ALANA. **Meninas falam em frente à câmera**. Instagram, 17 jun. 2024.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2020.

NUNES, Luciana Borre. **As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual**. 2010.

PASSOS, Vinicius Mascarenhas dos; SOUZA, Marcos Lopes de; BARROS, Diego Matos Araújo. **"EU QUERO USAR, PAPAI!** Periferia, v.16, p.1-26,2024.

SILVA, Ivanderson Pereira da. *Em busca de significados para a expressão "ideologia de gênero"*. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, e190810, 2018. Disponível em <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 73-102.

STEEL, Valerie. **The Fashion Reader**. 2. ed. Londres: Routledge, 2010.

APÊNDICES

PESQUISA DE CAMPO	
04-11-2024	<p>Cheguei na escola as 13:00 horas. (na sala contém 12 alunos). 5 meninas e 8 meninos.</p> <p>Em seguida a professora iniciou a aula escrevendo no quadro o cabeçario contendo as informações da escola, nome do aluno, data e ano. Logo em seguida, foi realizado uma atividade do livro didático.</p> <p>ALUNA ROSA: CHAMOU O COLEGA AZUL DE QUERIDO, DE IMEDIATO SEM CORREÇÃO DE NINGUÉM, ELE PEDIU DESCULPA E O CHAMOU DE QUERIDO E FALOU QUE SEMPRE ESQUECE DE CHAMAR NO “MASCULINO”. AS 13:36 A professora se ausentou da sala para realizar a prova de influenza e a auxiliar ficou tomando conta da turma. Com isso os alunos, se permitiram “viver”, sem regras.</p>
06-11-2024	<p>Cheguei na escola as 13:00 horas. (na sala contém 12 alunos). 5 meninas e 8 meninos.</p> <p>Em seguida a professora iniciou a aula escrevendo no quadro o cabeçario contendo as informações da escola, nome do aluno, data e ano. Logo em seguida, as crianças foram ensaiar, para uma apresentação que ocorrera na escola, a apresentação consistirá no “O Mágico de Oz é um clássico da história infantil que conta sobre a menina Dorothy e seu cachorro Totó que são levados juntos com sua casa por um ciclone para o mundo de Oz. Lá, eles precisam encontrar com o Magico de Oz pra poderem voltar pra sua cidade”.</p> <p>Desse modo, as crianças teriam que interpretar vários personagens. No início do ensaio a professora explicou aos alunos que não queria mangações ou chacotas depois dos ensaios, pois alguns alunos estavam com piadinhas por conta dos personagens. Após os ensaios os alunos ficaram livres na sala para conversarem ou brincarem.</p> <p>ALUNO LARANJA: NO MEU ANIVERSÁRIO IREI GANHAR MAIS DE 500 ROBÔ.</p> <p>ALUNA LILÁS: APOIS NO MEU ANIVERSÁRIO IREI GANHAR VÁRIAS BONECAS, PANELINHAS E ROUPINHAS.</p> <p>A partir daí entraram em um embate de quem ganharia mais e finalizou o assunto com o toque pra saída da sala.</p>

07-11-2024	<p>Cheguei na escola as 13:00 horas. (na sala contém 12 alunos). 5 meninas e 8 meninos. Em seguida a professora iniciou a aula escrevendo no quadro o cabeçario contendo as informações da escola, nome do aluno, data e ano. Logo em seguida, foi realizado uma atividade do livro didático. Logo após retornaram aos ensaios.</p> <p>ALUNA ROSA, ALUNA LILAS E ALUNA VERMELHA ESTAVA CHAMANDO O ALUNO AZUL ESCURO DE BRUXA E ELE LOGO RESPONDEU: EU NÃO SOU BRUXA, POIS BRUXA É MULHER ELA VESTE VESTIDO. A PROFESSORA NÃO INTERVIU, APENAS PEDIU SILÊNCIO</p> <p>APÓS ISSO, OS ALUNOS FORAM EXPERIMENTAR AS ROUPAS DOS PERSONAGENS, O ALUNO QUE INTERPRETARIA O LEÃO LOGO PERGUNTOU A PROFESSORA, O QUE ERA AQUILO QUE ELA ESTAVA SEGURANDO.</p> <p>LOGO ELA DISSE É A CALÇA QUE O LEÃO UTILIZARÁ. O ALUNO VERDE PERGUNTOU: MAS NÃO É DE MULHER ISSO AI? A PROFESSORA, LOGO RESPONDEU QUE NÃO ERA DE MULHER, MAS SIM DOLEÃO.</p> <p>O ALUNO VERDE INDAGOU, POIS ERA UMA CALÇA LENNGIN E COLORIDA QUE PARA SOCIEDADE APENAS MULHERES USAM.</p>
-------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------